



## As Reportagens Investigativas do *Jornal O Globo*: Uma Experiência Etnográfica<sup>1</sup>

Marcelo Alves<sup>2</sup>

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC - Rio

### Resumo

Os critérios de noticiabilidade envolvidos no processo de construção de reportagens investigativas no *Jornal O Globo*, seguem todo um processo harmonioso. Nele as relações entre o profissionalismo, a hierarquia e a exaustiva testagem dos dados investigados, garantem o sucesso deste modelo de reportagem. Esse fato pode ser verificado através do grande número de Prêmios Esso que essas reportagens ganham por escolha da própria comunidade jornalística. Para os *staffers* a elaboração deste modelo de reportagem sempre trás bom retorno financeiro para o jornal por possuírem grande apelo público e alto valor notícia.

### Palavras-chave

Noticiabilidade; Newsmaking; Jornalismo Investigativo; Etnografia; Valor Notícia.

### Introdução

As experiências etnográficas no jornalismo obrigam o jornalista a caminhar com seu bloco de anotações, ficando no mesmo meio ambiente de seu objeto, com o intuito de extrair dessa relação algo que julga ser importante. Esse fato passou a fazer parte do nosso modo de se fazer jornalismo desde o final do século XIX. Temos como exemplo de produção com essa estrutura as práticas jornalísticas de Euclides da Cunha e João do Rio.

Ambos os autores não se contentaram em criar notícias sentados em um gabinete. Euclides ao se colocar na “Guerra de Canudos” como repórter passou a ver de perto os principais elementos envolvidos no dito conflito. Sua observação participante foi narrada nas páginas do *Jornal O Estado de São Paulo* e mudou o curso da história. Nos textos escritos antes da chegada do jornalista ao sertão baiano os escritos tinham a idéia de que Canudos contrariava a democracia e a república. Isso pode ser comprovado

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao Intercom Junior, na Divisão Temática de Jornalismo, do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste.

<sup>2</sup> Pesquisador PIBIC/CNPQ. Desenvolve a pesquisa sobre “Critérios de Noticiabilidade no Jornalismo Investigativo” orientado pelo profº. Doutor Leonel Aguiar. Pesquisa desenvolvida durante a graduação em Jornalismo na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. E-mail [marceloifch@yahoo.com.br](mailto:marceloifch@yahoo.com.br).



com texto “A nossa vendéia” em que ele compara a situação do sertão aos ataques promovidos pelos insurretos da “Revolução Francesa”. O que se vê estampado no jornal, agora, é a denuncia de uma situação de miséria e abandono em que estavam os sertanejos Baroni (2008).

No caso de João do Rio temos que observação direta, a entrevista, a análise dos inquéritos policiais, já podem ser vistas como uma das características do jornalismo moderno. Conforme (GIRARDI JR, S/D: s/p)

Os tipos sociais observados representam a tendência de humanização tão explorada pela reportagem atual; a descrição de costumes e de situações sociais inaugura a reportagem de contexto; de passagem, alguns traços retrospectivos do fato narrado levariam, mais tarde, à reportagem de reconstituição histórica (pesquisa, na gíria jornalística)

Se por um lado a literatura ainda se vê farta de experiências de atuação do escritor-repórter em sua ida a campo e busca por boas histórias, no jornalismo essa maneira tem se perdido com o tempo. Modernamente o repórter somente sai à rua após a pré apuração de um produtor de jornalismo. Tudo mostra-se ensaiado. A busca por boas notícias tem se tornado tarefas de poucos profissionais.

Hoje, grande parte das matérias publicadas chega às redações através de assessorias, agendas de políticos ou denúncias. Dessa forma, uma mesma reportagem aparece estampada em quase todos os periódicos do dia. Repetem-se as mesmas informações e fontes já citadas em outros veículos de comunicação (ALMEIDA, 2003).

Podemos perceber, quando estamos diante de pessoas produtoras de notícias, que muitos profissionais de comunicação ainda sentem dificuldades em identificá-las tamanha as ofertas de acontecimentos existentes no meio social. Porém, sabem que as notícias são modernamente condicionadas ao padrão da objetividade, imposta pelo *lead* e, desse modo, não abrem mão de relatar originalmente a realidade opondo-se a idéia de construção da realidade social através de suas narrativas.

Segundo Elizabeth Bird,

Considerar as notícias como narrativas, não nega, o valor de considerá-las como correspondentes da realidade exterior. As notícias enquanto abordagens narrativas não negam que as notícias informam (BIRD, 2000: 263-275)

Devido à rapidez com a qual trabalham o rádio, a televisão, os jornais impressos acabam por repetir as notícias que já foram veiculadas no dia anterior por esses meios de comunicação. O mesmo acontece com as edições *on line*. Estas são atualizadas em minutos. Cabe aos jornais e revistas uma melhor apuração, escolha de personagens e



construção das matérias por possuírem, em comparação com os demais veículos, tempo para executarem com mais qualidade as matérias.

Cabe aos repórteres e editores indicarem o que deve ou não ser lembrado no dia seguinte. Sendo assim, elegem uma maneira (seguindo as linhas editoriais) de melhor divulgar aquilo que fora escolhido. David White (2000) os chama de gatekeepers. São capazes de selecionar e construir uma realidade social a partir de sua forma de percepção do mundo ao seu redor, subjetivo, portanto.

Boa parte da crítica que os jornais recebem, está no fato de que são poucos os que possuem a tarefa de dizer o que deve ser esquecido ou não. O que já interfere na realidade. Os *staffers* ao verem o jornal como um meio industrial, produtivo, para não caírem em um modelo idiossincrático quanto à elaboração de notícias, organizam as redações e otimizam o processo produtivo. Estas formas são estabelecidas pelos setores hierárquicos dos jornais, passado para a estrutura editorial e apreendida pela redação Breed (2000).

A referida forma de produzir notícias compõe aquilo que chamamos de critérios de noticiabilidade. São formatos ao qual um acontecimento deve se alinhar para ser transformado em notícia, bem como, a maneira de concretizar a apuração. Esbarra nos meios organizacionais das redações, na hierarquia e nas próprias relações profissionais dos jornalistas.

Wolf (2003) resume critérios de noticiabilidade como formas de intervenções e instrumentos que tornam a construção da notícia como algo viável. São empregados pelas hierarquias dos jornais para que se possa escolher dentre os diversos acontecimentos sociais aqueles que possuem uma qualidade específica para transformar-se em um texto discursivo e em forma de notícia.

A aplicação dos critérios de noticiabilidade, por experiência dos *staffers* e dos próprios jornalistas envolvidos no processo de construção da notícia investigativa, no jornal *O Globo*, revela a preocupação com o quanto valor notícia está contido nos acontecimentos. Esse modo de organizar uma redação encontra apoio no que propõe Tuchman.

A empresa jornalística deve: tornar possível reconhecer, na multiplicidade dos acontecimentos, aquele que será eleito como um acontecimento noticiável; elaborar formas de relatar os acontecimentos de modo que não tenha que dar, para cada um, tratamento idiossincrático; organizar o trabalho, no tempo e no espaço, para que os acontecimentos noticiáveis consigam convergir e serem trabalhados de um modo planejado (TUCHMAN (1983: 48) apud AGUIAR, 2007; s/p)



A simples escolha dos acontecimentos, ou melhor, as suas formas de abordagens, já se mostram como forma de interferência sobre o real. Por isso, entender a notícia como construção da realidade social é ir ao encontro da teoria do *Newsmaking* (HALL 1984: 04) e (TUCHMAN 1976:94). A notícia não é simples reflexo do real. Conforme (AGUIAR 2007:81),

As notícias – e também as reportagens – não refletem os acontecimentos que se dão a ver, mas são antes de tudo construções narrativas que produzem condições de possibilidades através das quais a realidade se dá a conhecer.

### **Combinando Teoria e Prática**

Para atuarmos junto à redação do jornal *O Globo* nos utilizamos da proposta apresentar pela chamada *Descrição densa*. Esta teoria, desenvolvida por Geertz em “*A interpretação das culturas*”, tem como fundamentação principal a técnica da observação participante. No nosso caso, o pesquisador atua diretamente junto aos produtores de notícias com o intuito de sistematizar a produção de notícia, reunindo os dados fundamentais sobre as rotinas produtivas que operam na indústria jornalística e no processo de produção da notícia. Essa escolha deve-se ao fato de tentarmos dar conta de como as notícias investigativas são construídas.

Sodré (1986) faz a distinção entre o “Jornalismo Investigativo” e o *hard news*. Em seu texto ele afirma que o primeiro modelo se mostrar mais interessante aos interesses públicos. Trazem consigo narrativas que denunciam as manobras que afetam diretamente a sociedade, por isso, são elaborados com maior cuidado e sigilo. Nesta modalidade jornalística a atenção recai sobre o próprio trabalho de construção da reportagem, que pode até ser iniciada por uma denúncia, mas que não se baseia na mesma para estampá-la no dia seguinte nas capas dos jornais. A apuração possui maior rigor por parte do *Gatekeeper*.

Dessa maneira, quando contabilizamos os prêmios recebidos pelo citado jornal, percebemos que a maioria foi construída através de investigações. *O Globo*, entre 1956, ano de início do *Prêmio Esso* e 2008, ganhou 45 prêmios entre menção honrosa, reportagem, projetos gráficos e fotografias. Seguramente podemos pelo título das matérias e pelo release exposto no site do *Prêmio Esso* e, mais recentemente no setor de pesquisa *on line* do *O Globo*, apontar que pelo menos 22 foram construídos através do que entendemos por jornalismo investigativo, já definido acima.



Dentre as matérias listadas, confirmamos através de entrevistas com seus idealizadores e através da leitura das matérias publicadas que as reportagens “Corrupção na Polícia do Rio de Janeiro” de Hilka Telles, “Nilo ajudou a receber doação de bicheiro” de Agostinho Vieira, “Teste do Guaraná” de Maria Elisa Alves”, “O Rio Centro” de Chico Otávio, “As Quentinhas” de Angelina Nunes e equipe, “LBV: O Império da Boa Vontade” de Chico Otávio e Rubens Valente, “Sentenças Suspeitas” de Chico Otávio, “Traficantes nos Quartéis” de Antônio Werneck, “Bastidores do Poder” de Angelina Nunes e equipe são tidas pelos próprios construtores como típicas reportagens investigativas, pois são realizadas utilizando-se de critério de checagem rigorosa, construção de tabelas, fotografias, e dialogando constantemente com o serviço jurídico do jornal.

Bem como, “Sinal Verde para o Contrabando” de Chico Otávio, Bernardo de La Peña e Ricardo Boechat, “Voto combinado na Corte Suprema” de Roberto Stuckert Filho, Alan Gripp e Francisco Leali e “Favela S/A” de Paulo Motta, Carla Rocha, Cristiane de Cássia, Dimmi Amora, Fernanda Pontes, Luiz Ernesto Magalhães, Selma Schmidt, Sérgio Ramalho e Angelina Nunes, estas ultimas mais recentes.

Diversos nomes aparecem mais de uma vez na lista. Quase sempre são os mesmos jornalistas quem realizam matérias investigativas. Nesse caso, percebe-se também, que a experiência profissional fala mais alto. No *O Globo*, boa parte das reportagens investigativas parte do método proativo, ou seja, dado uma denuncia os jornalistas criam esquemas de apuração para confirmá-la ou não. Nesse gênero jornalístico os próprios jornalistas saem à rua para realizarem as investigações, checar dados, apontamentos e contra provas. Após a veracidade dos dados eles constroem as matérias.

Para os jornalistas mais experientes a realização de trabalhos investigativos requer tempo, dedicação e cuidados que só com o passar dos anos o profissional adquire, pois além de realizar uma matéria, o jornalista não pode se distanciar da linha editorial do jornal. Como afirma Breed (2000)

“Quando o jornalista experiente começa o seu trabalho, não lhe é dita qual a política editorial. Nem nunca lhe será. Os repórteres respondem que aprendem por osmose” (BREED, 2000: 152-166)

Os premiados com o *Esso*, Hilka Telles, Luiz Ernesto e Maria Eliza Alves, afirmam que o sigilo sobre as reportagens investigadas também deve ocorrer dentro da própria redação. Deve-se ter cuidado quanto aos resultados das apurações realizadas, já



que muitas pessoas circulam por esses ambientes. Para Telles, que atualmente é Chefe de reportagem do jornal *O Dia*, “*se pessoas do meio já passam adiante a informação imagina quem não é. Um garçom que seja pode acabar com um trabalho investigativo*”.

A forma com que escolhemos para apresentar a pesquisa, à comunidade academia e pessoas afins, foi a de utilizar a *Descrição densa*. Este modelo de análise dos grupos sociais ao quais estamos em contato requer a transcrição dos métodos de ação. No nosso caso, de como os jornalistas trabalham para construir as reportagens investigativas. Sendo assim, nos colocamos junto aos profissionais aos quais desejávamos realizar uma observação participante.

Estar presente em uma redação de jornal com o intuito de pesquisar o modelo de construção das reportagens investigativas não é fácil. Em primeiro lugar porque as elas são sigilosas até mesmo para os próprios integrantes de outras editorias do jornal. Realizar a tarefa como White (2000), na qual acompanhou a rotina de produção de uma redação e propôs sua teoria sobre o *gatekeeper*, tornou-se pouco comum entre os pesquisadores já que seu acesso ao local de pesquisa esta condicionado aos diversos fatores que envolvem a produção de notícias, como o sigilo, testagem exaustiva dos dados recolhidos e o controle por parte das chefias.

Em outro momento, temos a proposta de Zelizer (2004), que prega a equalização de vozes para definir o que realmente importa no jornalismo. Defende que pesquisadores de jornalismo e jornalistas lidam com a mesma fonte de trabalho, a notícia, um a construindo e outro a teorizando. Assim, quanto menor o título acadêmico, mais complicado torna-se para um pesquisador obter autorização para permanecer em uma redação de jornal.

As repostas dadas pelos jornalistas a essa indagação passam pelo profissionalismo. Revelam que este tipo de reportagem, a investigativa, é bastante disputada no meio jornalístico. Dificilmente jornalistas recém formados são direcionados a essa prática. Embora se saiba que muitos chegam à redação achando que irão realizar na manhã seguinte uma matéria ao estilo “*Watergate*” de Bob Wood e Carl Bernstein. Nesta categoria de jornalismo a experiência é fundamental.

Saber como são os *modus operandi* atribuídos ao “Jornalismo Investigativo”, envolvendo suas técnicas, critérios de noticiabilidade e valores notícias são o que a presente pesquisa visa responder. Esse é o principal fator para que o pesquisador esteja inserido no contexto da redação, pois somente estando em contato com os produtores



das notícias poderemos entender como são pensadas as reportagens investigativas desde a pauta até a publicação.

Através da prática proposta por Geertz (1989), etnográfica, seremos capazes de elaborar meios e métodos para que possamos coletar dados, observar a maneira de trabalho, analisar as informações, fazer entrevistas com os jornalistas, perceber a relação entre os *staffers* e a equipe e o diálogo entre os jornalistas e seus superiores. Poder estabelecer relação com quem produz as reportagens investigativas, seu modo de ação, o que lhe desperta maior interesse.

Para chegarmos a um resultado satisfatório, procuramos através desse método, objetivar todos os dados da pesquisa, para que os mesmo possam ser analisados mediante a um critério científico. Sendo assim, além de analisarmos as matérias publicadas, realizamos uma reconstrução passo a passo da forma com que as reportagens foram feitas, através da leitura das mesmas e entrevistas com seus idealizadores.

Quando a construção das reportagens foi realizada por vários jornalistas, procuramos entrevistar pelo menos dois personagens desse universo. A idéia era criarmos um banco de dados em que as entrevistas fossem capazes de preencher nossas expectativas e, principalmente, apontar as operações relativas a construção de reportagens investigativas do jornal *O Globo*. Falamos do jornal como um todo por sabemos que os modelos de produções investigativas são rigorosamente adaptados a uma política editorial e não algo feito a parte.

Dessa forma, podemos dizer que as redações dos jornais ao dialogar com os setores de marketing e vendas estão atentas a formação estrutural da sociedade em que atuam. Esse posicionamento do jornal é pensado cotidianamente. Não se pode esquecer que o jornal além de informar deve, segundo os empresários, ser vendido e gerar lucro para os mesmos. Publicar uma matéria especial, geralmente investigativa, é algo planejado. Isso trás um bom retorno financeiro para o meio.

Jornais do porte e estrutura do *O Globo* não fogem a realidade do jornalismo mundial. Possuir uma redação cada vez mais enxuta, que atenda as demandas industriais e que haja um diálogo constante com o setor comercial. Um mesmo profissional realiza diversas apurações ao mesmo tempo. Seja para o *hard news* ou para o investigativo. Para o modelo investigativo de reportagem os investimentos tenderam a diminuir ainda mais, mesmo sendo algo rentável e capaz de agendar as discussões de toda a semana.



Cada jornalista recebe mais de uma puta por dia, não há como fugir dessa realidade. A maioria dos entrevistados revela que aprenderam com isso a organizar melhor suas vidas profissionais. O jornalista que entra nesse esquema torna-se, mesmo sem querer mais eficiente. É uma exigência mercadológica.

Com tantos atributos, o quesito apuração revela-se como aquele de maior diferença entre as reportagens investigativas ou não. Apurar diversas pautas em um mesmo dia não é tarefa fácil. O uso de meios como telefones e computadores não podem faltar. Estes acabam por ser os mais utilizados em uma redação para se checar a veracidade dos fatos escolhidos para serem lembrados. De acordo com Chico Otávio, um dos maiores ganhadores do Prêmio Esso, *“o jornalista investigativo tem que fugir da uniformidade das notícias que se repetem nos jornais e na TV. Deve sempre surpreender”*.

Durante nossa pesquisa, percebemos que muitos jornalistas como Angelina Nunes, Chico Otávio e Hilka Telles vêem o seu trabalho como “defensor” da ordem e da democracia. Para eles as reportagens investigativas tem tido um papel central na tentativa de transformar um país em uma República democrática, onde realmente exista cidadania, e haja predominância da transparência e da ética.

### **A Construção de Uma Reportagem Investigativa**

A denúncia realizada por Hilka Telles, em 1993, Causou grande comoção popular repercutindo de forma direta na sociedade. Com o texto “Corrupção na Polícia do Rio de Janeiro” ela apontou a existência de um grande número de policiais que ostentavam bens que não poderiam adquirir através de seus salários de funcionários públicos. O Texto foi tido pelos julgadores do Prêmio Esso, entre eles Eleonora de Lucena da Folha de S. Paulo, João Bosco Martins Salles do Estado de Minas e Marcelo Pontes do Jornal do Brasil, como um dos melhores textos publicados na Região Sudeste.

A pauta teve início quando a jornalista fora a uma delegacia especializada da Polícia Civil para apurar uma reportagem. Nesse local a jornalista deparou-se com uma situação não muito comum para a época, policiais repletos objetos de ouro (cordões e pulseiras) e possuindo carros do ano, de luxo. O “despertar” para a sugestão da pauta junto aos editores partiu do momento em que um policial abanava uma nota de 100 dólares. Este perguntava aos gritos se alguém trocava por moeda nacional para que



pudesse passar o final de semana. Ver um funcionário público de baixo escalão gastando cem dólares em um único fim de semana foi o estopim.

A questão central era fazer um levantamento dos bens vistos havia visto na delegacia, se realmente pertenceriam aos policiais ou não. Essa classificação era inédita, mas ao estilo Al Capone. Para isso era necessário que a jornalista tivesse contato com fontes em diversos setores do serviço público que fossem capazes de realizar. Suas principais fontes encontravam-se no Departamento de Transito do Estado do Rio de Janeiro (DETRAN - RJ) e em alguns cartórios do Rio de Janeiro.

A construção da matéria inicia-se com a escolha da forma de atuação. Uma maneira de atingir tal intento seria criar uma programação, forma de atuação e modo de execução. Primeiro foram levantadas informações que diziam respeito aos policiais de baixa patentes, detetives e inspetores, posteriormente delegados. O primeiro e importante método de atuação foi condicionado com a escolha do modo de investigação inicial. Como prova de sua experiência em “policia” e “política” escolheu as delegacias especializadas.

Para Telles, a cúpula da corrupção policial fluminense está em locais de muito movimento, com grande número de apreensão de entorpecentes, roubos e furtos. Conforme o exposto, no “Jornalismo Investigativo”, os anos de profissão faz com que o profissional adquira um grau que o torna capacitado a apresentar pauta deste estilo junto aos staffers. Essa tensão vale-se pelo fato de as hierarquias saberem que nesse modelo de atividade jornalística vida do repórter está sempre em perigo. Cabendo a empresa preservá-lo.

A jornalista tinha que ter a certeza de que os carros, e as pessoas vistas dirigindo-os, eram policiais. Sendo assim, passou dias anotando o número das placas dos automóveis. A fonte no DETRAN verificava a situação dos automóveis em questão. A idéia era descobrir se os mesmo possuíam alguma multa, infração e, principalmente, em nome de quem estava o carro. O resultado desta pesquisa revelava que os veículos não pertenciam aos policiais investigados. Encontravam-se quase sempre em nome de um parente próximo. Dentre os mais de 50 policiais investigados, somente um, da Divisão de Roubos e Furtos de Autos (DRFA), havia colocado o carro em seu nome. Este foi o único preso após a publicação das denúncias apresentadas pelo *O Globo*.

Após saber o nome dos proprietários dos automóveis, a jornalista passou a monitorar as residências informadas no cadastro do DETRAN. Sabendo que os veículos nunca se encontravam no local informado pelo órgão, uma nova tarefa torna-se o ponto



chave para a matéria, descobrir onde moravam os policiais para fotografá-los com os carros em questão. Com a destreza dos profissionais do *O Globo* vários deles foram fotografados em suas reais residências com os carros que estavam em nome de outras pessoas. O que, segundo a jornalista, comprovava que os carros na verdade eram deles.

Este trabalho consumiu quase dois meses de intensa apuração. Escolher o que é mais significativo para ser publicado trona-se bastante difícil para muitos jornalistas. Como a apuração gera muitos elementos que compõem o “quebra cabeça”, assim chamado por Telles, a tendência é que os profissionais envolvidos na investigação creiam que tudo lhes interessa. Porém, em diálogo com a chefia chega-se a uma conclusão. Para se publicar seja necessário escolher os principais fatos, os que possuem maiores valores notícia.

A próxima etapa da investigação consistia realizar consultas aos CPFs dos policiais, enumerar os bens que eventualmente estavam em seu nome, de seus cônjuges ou parentes. Outro fator importante para o conjunto, até aquele momento adquirido, era telefone celular. Nessa época, um telefone móvel representava simbolicamente que a pessoa era abastada. Receber ou fazer ligações gerava conta para o dono do celular.

A idéia de investigar utilizando o celular surgiu porque a jornalista passou a freqüentar os ambientes onde os policiais se reuniam. Todos reclamavam da conta do celular. Para saber se os telefones celulares estavam ou não em nome dos policiais a mesma conseguiu uma fonte junto à companhia telefônica. Com a resposta verificou-se que as contas telefônicas eram dos próprios e custavam em média o dobro do salário dos investigados.

Ao publicar a primeira matéria, em um domingo como é uma prática quando se trata de grandes reportagens, o jornal passou a receber diversas denúncias. Desde o vizinho dos denunciados pelos jornais até pelos próprios colegas, muitos deles igualmente corruptos. Ao fazer a switcher da matéria, a jornalista ligou para o subsecretário de Polícia Civil da época para saber sua posição. O mesmo não ficou surpreso com as denúncias e disse saber da existência de um “kit ladrãozinho”, na Polícia do Rio de Janeiro, composto por carro do ano, dinheiro e celular.

Novas investigações foram realizadas pelo jornal para confirmar o aumento ilícito do patrimônio dos policiais. Um deles, cujo nome não foi revelado, por ainda estar trabalhando como policial havia comprado um apartamento na Rua Prudente de Moraes, em Ipanema, bairro nobre do Rio de Janeiro. A jornalista e o fotógrafo fingiram ser um casal a procura de um imóvel para comprar, entraram no prédio.



O porteiro revelou que o imóvel vazio acabara de ser vendido. Bem como informações a respeito dos moradores, a taxa condominial e os valores pagos na reforma. Através de investigações junto ao cartório e Prefeitura, descobriu-se que o imóvel em questão não estava no nome do policial, nem de sua mulher. Embora essa fosse conhecidamente sua residência.

Por falta de documentação, a negatificação do elo entre os bens de luxo e o nome dos policiais investigados tornou-se suficiente para a Corregedoria da Polícia arquivar o processo. Esse fato causou frustração aos jornalistas e a população. Atualmente as investigações policiais são mais cautelosas, parecidas com as realizadas pelos jornalistas investigativos. O simples fato de não constar nos órgãos públicos nada em nome do investigado não o redime do crime. Isso acabou de acontecer com o Ex-secretário de Polícia Civil Álvaro Lins, que atualmente está preso.

A mesma investigação foi feita em relação aos delegados. O processo foi o mesmo, mas as reações não. Após a publicação das primeiras matérias, em março de 1993, os jornalistas envolvidos, principalmente Hilka Telles, passaram a ser ameaçados de morte. Mas é uma prática no “O Globo” defender seus funcionários. O jornal passou a exigir dos poderes públicos a proteção de seus jornalistas, porque quase todos os dias eram publicadas matérias onde deputados e secretários eram indagados sobre as atitudes a serem tomadas em relação ao trabalho jornalístico. Exigia-se o cumprimento da liberdade de imprensa. A jornalista passou a ser escoltada por policiais, no jornal e em sua residência.

Sofrer ameaças é um dos riscos pelo qual passam os profissionais que lidam com matérias de alto valor notícia, seja ela investigativa ou não. Essas reportagens tornam-se agenda da semana e tem grande repercussão. Tornam-se pauta para a rádio e TV.

## **Conclusão**

A construção de reportagens investigativas no Jornal “O Globo” tornou-se um modo sólido de jornal se colocar no mercado. Não que o mesmo somente retire proveito desse tipo de prática, mas segundo os próprios jornalistas entrevistados durante a realização da pesquisa, é no “Jornalismo Investigativo” que o jornal consegue atingir seu objetivo máximo, que é ser porta voz da população brasileira.



Em nossa pesquisa percebemos que muitos textos investigativos são realizados levando-se em conta uma dinâmica que varia conforme a política editorial do jornal. Para melhor informar aos leitores contam com a construção de gráficos, tabelas, fotografias para comprovação do que se fala. Utilizam-se imagens para que o leitor possa, por ele mesmo, comparar as situações denunciadas. Esse mecanismo torna o assunto em questão muito mais tático.

Na construção de reportagem investigativa no *O Globo* há muito tempo tem como base fundamental o sigilo. Mas, outro fator nos chamou bastante atenção na fala da jornalista entrevistada, a sua relação com as mais diversas fontes. Podemos depreender que no modelo investigativo de reportagem é imprescindível, para se testar e verificar a denuncia, o contato do profissional com suas fontes. Através destas pode-se criar todo um artifício para se comprovar ou não uma especulação.

Desde a pauta até a publicação a jornalista teve o apoio incondicional de seus superiores. Lidar com as chefias é muito importante para se concretizar a matéria. Muitos profissionais, na ânsia de apresentar o mais breve possível a sua apuração, podem comprometer a qualidade do trabalho. A testagem exaustiva dos dados que foram levantados durante a ida a campo é uma das condições primordiais para o sucesso da empreitada.

Devemos ressaltar que no jornal *O Globo* a construção e publicação de matérias investigativas são feitas somente após muita negociação com a alta hierarquia. Um jornalista não sai a campos para realizar esse tipo de matéria sem que seus chefes imediatos saibam qual a abordagem pretendida, o local de atuação e custos com a produção.

## **Referências Bibliográficas**

AGUIAR, Leonel Azevedo de. **Imprensa Sensacionalista: o entretenimento e a lógica da sensação**. XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Natal, RN. 2 a 6 de setembro de 2008.

\_\_\_\_\_. **Ensinar as práticas a partir da Teoria do Jornalismo: uma proposta pedagógica**. 10º Encontro Nacional de Professores de Jornalismo – Goiânia-GO – 27 a 30 de abril de 2007.



\_\_\_\_. "O jornalismo investigativo e seus critérios de noticiabilidade: notas introdutórias".  
**ALCEU** - v.7 - n.13 - p. 73 a 84 - jul./dez. 2006.

ALMEIDA, E. Um peregrino paciente. In: **Jornalismo investigativo**. São Paulo: Publisher Brasil, 2003, p. 41-52.

AMARAL, L. **A objetividade jornalística**. Porto Alegre: Sagra-Luzzatto, 1996.

BARONI, Maria Alice Lima. **A construção dos efeitos de verdade em Os sertões e Abusado**. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social)-Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

BIRD, Elizabeth. DARDENE, Robert. "Mitos, registros e estórias: explorando as qualidades narrativas das notícias". In TRAQUINA, N. (ORG). **O poder do Jornalismo**: análise e textos da teoria do agendamento. Coimbra: Minerva, 2000. Pág. 263 -275.

BREED, Waren. "Controle social na redação". In TRAQUINA, N. (ORG). **O poder do Jornalismo**: análise e textos da teoria do agendamento. Coimbra: Minerva, 2000. Pág.152-166.

GIRARDI Jr, Liráucio. **A reportagem como experiência etnográfica**.  
[www.facasper.com.br/jo/anuario](http://www.facasper.com.br/jo/anuario). Acessado em janeiro de 2009.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do Jornalismo**: O que os jornalistas devem saber e o público exigir. Cap. 2: A verdade: o primeiro e mais confuso princípio. P. 57-79. Tradução de Wladir Dupont. 2 ed. São Paulo: Geração Editorial, 2004.

SODRÉ, Muniz. **A Reportagem como Gênero Jornalístico**. Rio de Janeiro: Summus, 1986.

TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2005.

TUCHMAN, Gaye. **La producción de la noticia**. Estudio sobre la construcción de la realidad. Barcelona: Gustavo Gili, 1983.

WHITE, David Manning. O gatekeeper: Uma análise de caso na seleção de notícias. In TRAQUINA, N. (ORG). **O poder do Jornalismo**: análise e textos da teoria do agendamento. Coimbra: Minerva, 2000. Pág.142 – 151.

WOLF, M. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Presença, 2003.



[WWW.premioesso.com.br/Prêmio Esso/Prêmio Esso de Jornalismo 56](http://WWW.premioesso.com.br/Prêmio_Esso/Prêmio_Esso_de_Jornalismo_56). Acessado em janeiro de 2009.

ZELIZER, Barbie. **Taking journalism seriously**. News and Academy. London: Sage, 2004.